

## Ciência no Cinema: “Alexandria” ( *Ágora* )

Vivian Leyser

Reserve um tempo para um lazer de qualidade, passe numa boa locadora e leve para casa o filme “Alexandria”, produção anglo-espanhola lançada em 2009. Será uma rara e prazerosa oportunidade de constatar um feliz encontro entre as artes cinematográficas e a história da ciência.

O filme relata os principais momentos da vida e morte da filósofa e professora Hipátia, personagem histórica que viveu em Alexandria, no Egito, entre os anos 355 e 415. Criada pelo pai, o também filósofo Téon, Hipátia cresceu num ambiente de grande estimulação intelectual, desenvolvendo desde muito jovem habilidades e qualidades pouco comuns entre as mulheres do seu tempo: uma verdadeira paixão pelo conhecimento, em especial nas áreas da matemática, astronomia, filosofia, religião, poesia e artes, acompanhada de uma rigorosa disciplina física, para atingir o ideal helênico de ter a mente sã em um corpo sã.

Registros históricos indicam que, ainda adolescente, Hipátia foi enviada por seu pai à Atenas, para completar sua educação. No seu retorno ao Egito, assumiu imediatamente o posto de professora na Academia de Alexandria, da qual tornou-se diretora aos 30 anos. No filme, não deixe de apreciar as belíssimas cenas, de grande valor estético e dramático, nas quais Hipátia, interpretada pela talentosa atriz Rachel Weisz, cuida do acervo intelectual da Academia e ministra suas aulas e conferências, tendo sempre ( e somente ) homens como seus alunos.

É importante ressaltar que o momento histórico retratado em “Alexandria” foi bastante conturbado: o mundo ocidental encontrava-se dominado pelos romanos, e agravavam-se os conflitos entre distintas tradições: o judaísmo, a cultura greco-romana e o cristianismo, que ainda estava em ascensão. Neste contexto, sabe-se que as mulheres tinham pouquíssimas oportunidades e eram tratadas como objetos. Contudo, no filme vemos Hipátia movendo-se em seu ambiente de forma livre, corajosa e até mesmo desafiadora, contando inclusive com o apoio de alunos e seguidores que a admiravam e defendiam. Mesmo assim, sua simultânea condição de mulher, cientista e atéia deixou-lhe exposta a muitos desafios e perigos, também explorados de forma estimulante pelo filme, revelando as intensas e frequentemente comprometedoras, senão trágicas, relações entre ciência, política e religião.

Assistir “Alexandria” já valerá a pena, se você estiver buscando apenas um entretenimento de qualidade. Se, além disto, você também quiser uma dose extra de inspiração para seu trabalho de pesquisador(a) e/ou de professor(a) de educação científica, anote aí alguns dos variados temas sugeridos pelo filme,

que remetem a interessantes discussões na academia e na escola: a influência de condicionantes histórico-sociais sobre a produção do conhecimento científico, as questões de gênero na Ciência e na atividade científica, os conflitos entre Ciência e religião, e ainda, as relações entre arte e Ciência. Quer mais ? Vá correndo à sua locadora, e assista ao filme !

## **Estrofes finais do poema Hypatie (1847) de Charles Marie René Leconte de Lisle**

Les Dieux sont en poussière et la terre est muette :  
Rien ne parlera plus dans ton ciel déserté.  
Dors ! mais, vivante en lui, chante au cœur du poète  
L'hymne mélodieux de la sainte Beauté !

Elle seule survit, immuable, éternelle.  
La mort peut disperser les univers tremblants,  
Mais la Beauté flamboie, et tout renaît en elle,  
Et les mondes encor roulent sous ses pieds blancs !

Fonte : [http://fr.wikisource.org/wiki/Hypatie\\_%28Po%C3%A8mes\\_antiques%29](http://fr.wikisource.org/wiki/Hypatie_%28Po%C3%A8mes_antiques%29)